

Literatura e História : a cumplicidade do desejo contido

Antônio Emílio Morga

Entre silêncio e linguagem, corre a cumplicidade do desejo contido. Do olhar úmido às torrentes da historiografia buscam novos dizeres e fazeres.

Será possível ao pesquisador em história buscar no conhecimento literário o entendimento de um tempo vivido? Que rupturas pedagógicas a literatura pode deslumbrar ao historiador?

Para Anne Vincent-Buffacult (1989) " A literatura impõe-se por si mesma, assim como as correspondências, memórias e diários íntimos, que sem serem simples reflexos do real, são lugar de apropriação de uma linguagem onde o nome próprio está concernido".

No século XIX, funcionam em certas tendências da literatura, elaboradas formas de sexualidade que ultrapassam a manifestação do sentimento amoroso. Nestas regiões, os literatos passeiam em busca do jardim do Édem à procura dos amores contrariados, sem esperança. A imagem do ser pretensamente amado é descrito num conjunto de imagens, onde a sexualidade transborda em suaves palavras-gestos. Dessa maneira, o romance no século XIX desenhou o modelo da mulher fácil, ingênua, espirituosa, gulosa por carícias da alcova, que traz consigo o dinamismo, o frescor e a sinceridade do amor romântico.

Acompanhando a tendência romântica, em Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) o mundo feminino é descortinado através de uma literatura que revela uma mulher sedutora, doce, ingênua e angelical.

Neste artigo nos propomos a analisar através da literatura um dos dizeres sobre: A Prática Afetiva Feminina em Nossa Senhora do Desterro no século XIX.

A partir de 16 de junho de 1887, Horácio Nunes Pires publica em folhetim, através do "Jornal do Comércio", o romance "D. João de Jaqueta", sobre o qual o autor advertiu aos leitores que:

"Os tipos que apresento ao público nunca existiram na freguesia onde se passa a ação da minha novela: os costumes sim, em quase

sua totalidade. Na descrição deles não há o menor desaire para a localidade, cujos habitantes são bem conhecidos pelo seu caráter honesto e amor ao trabalho. O meu 'D. João' apresenta-se de jaqueta nova e calças por meia canela, pedindo a todos um olhar benigno e um sorriso de proteção. Ele é realmente o que parece ser: - modesto, humilde e inofensivo sobretudo" (Pires, H. Nunes, 1984:17)

O romance de Horácio Nunes inicia-se em 1877. Segundo Carlos J. Appel (1984:10) neste período: "O Brasil ainda é um país colonial (...), quando aparecem os primeiros capítulos de D. João de Jaqueta". E o modo de ser e de agir era ditado pelos "filhos de famílias abastadas do interior, de comerciantes e de profissionais liberais que definiam o modo de ser da classe dominante da época".

Neste período em que Horácio Nunes escreve seu romance, a cidade de Nossa Senhora do Desterro passava por uma remodelação dos usos e costumes. A imprensa e a elite, em ascensão, operacionalizavam uma "verdadeira revolução" no espaço urbano e na remodelação das condutas afetivas da população. Os jornais publicavam posturas municipais regulamentando diversas práticas socializantes. Entre elas, a brincadeira carnavalizante do entrudo e a festa do divino Espírito Santo. A geografia urbana da cidade se remodelava seguindo os preceitos modernizantes apregoada pela classe média local. Enfim, a Ilha de Santa Catarina iniciava lentamente, e num processo descontínuo, as transformações urbanas e afetivas veiculadas por um saber médico higienista oriundo da "modernidade" que caracterizava o século XIX.

O romance de Horácio Nunes possui como uma das tramas as conquistas amorosas de Rosalina, filha do famoso Major Anacleto da Trindade que era um "homem rústico, falador e ambicioso de posições". Já sua filha educara-se na capital e especializara-se na "ciência do namoro", mas vivia no interior da Ilha.

A jovem Rosalina era, "uma interessante e espirituosa moça que se educara em um colégio da capital, onde levava para casa do pai bastante conhecimentos, inclusive a ciência do namoro, completamente desenvolvida (...) realmente bonita com sua cor morena, com os seus olhos rasgados e negros, com os seus lábios carnudos e vermelhos, com o seu cabelo preto e vasto, com o seu narizinho divinamente modelado (Pires. H. Nunes, 1984: 26,36,37).

Sedutora, Rosalina envolvia seus admiradores num jogo lúdico e "Os rapazes da freguesia faziam-lhe roda e empregavam todos os meios imagináveis para serem por ela distinguidos". (Pires. H. Nunes, 1984: 26).

Sediada por seus galantes, pois tinha conhecimento do desejo que despertava, Rosalina não sentia culpa pelo assédio. Pelo contrário, transferia a culpa para a própria condição amorosa, "quem manda que todos (...) gostem de mim". Na sua trama, sabia ela que as artimanhas amorosas se faziam necessária pois, "é verdade que posso casar com um e gostar do outro... Tem-se visto tanto disso!". Para ela a possibilidade do amor duplo era "a único recurso, porque não seria de bom coração desgostar" dos pobres rapazes que tanto me desejam...".(Pires, H. Nunes, 1984: 37).

Rosalina, "vaidosa e fingida como todas as namoradeiras", tinha ciência e conhecimento dos jogos amorosos. E em particular, o jogo da sedução. O limite da jovem "namoradeira" era a própria possibilidade "de avanços e recuos, de entregas parciais, um se da se negando". No mundo feérico, lugar da magia feminina, o impossível não se realiza, pois ele é sempre o enunciado de outros acontecimentos.

"Para a mulher não há impossíveis. Quando a mulher concebe um pensamento é inútil dizer-lhe - "não iras avante" -, porque ela arrastará tudo, saltará por cima de tudo para realizar o seu pensamento. A palavra - impossível - foi inventada pelos homens para porem um paradeiro aos desejos da mulher...mas a mulher ri-se do frágil obstáculo e vai caminhando sempre..."(Pires, H. Nunes, 1984: 43).

E ao caminhar pelos jogos da sedução, Rosalina trava uma luta íntima diante das palavras cheias de ardis proferidas por um dos seus galantes. Ela balança, questiona e se envolve. Porém ela resiste as palavras e a entrega. Sua honra não entra no jogo da sedução. Cautelosa, sabia que sua reputação e honra corria perigo se concretizasse os desejos do seu galante. O temor da vergonha pelo juízo ético formulado pela opinião pública ressoa em seus pensamentos: "se um dia descobre aquilo que com tanto cuidado se ocultava?...O que fica sendo a mulher que se deixa seduzir por uma ilusão de momento, por uma miragem que sob a sua forma sedutora oculta a agonia da vergonha" (Pires, H. Nunes, 1984:90).

As palavras do seu galante eram fortes para o coração de Rosalina. Juca, o galante, não poupava palavras para enunciar seu sentimento.

"E como tu és bela...Oh! minha rosa peregrina, desabrochada em plena primavera na ignorada e solitária devesa. Embora rasgando as vestes, embora dilacerando as carnes nos espinhos que te cercam, hei de colher-te, oh! rosa, para todos os dias aspirar os teus divinos odores, para a todas as horas gozar os teus doces encantos, para a todos os momentos beijar, a palpitar de amores, as tuas pétalas perfumadas!... És bela, és bela como os anjos, e eu te amo com todo

o fogo da mocidade, com todo o ador dos vinte e cinco anos!...Os teus olhos são duas estrelas resplandecentes que iluminam com os seus raios cintilantes o céu da minha existência, os teus lábios são duas rosas purpúras que se abrem aos beijos da aurora, embalsamando o ambiente com os seus odores celestiais, o teu sorriso prende-me, cativa-me, subjuga-me, mata-me, as longas tranças dos teus centinosos cabelos são laços, são algemas que me encadeiam e fazem-me prostrar a teus pés. Quando eu te contemplo, como agora, sinto incendiar-me o coração e a alma, a chama ardente de um amor louco, enorme, infinito, e sinto fugirem, como um bando de aves negras, as trevas dos meus pesares e das minhas tristezas...E tu és bela, és bela como as rosas e bela como os anjos" (Pires, H. Nunes, p 73-4).

Diante das insinuações amorosas do seu galante e dando-se conta de que ele não a desejava para torná-la sua esposa e sim para amante e vendo o perigo que corria diante dos acontecimentos, Rosalina "pálida, trêmula, com os olhos faiscantes e as feições contraídas" e num esforço para salvar sua honra e reputação, ela lhe traduz todo o significado da corte que ele lhe fazia:

"Ah! compreendo agora!... - exclamou ela, depois de obrigá-lo a curvar a cabeça ante o seu olhar que despendia raios. O senhor queria seduzir-me...queria perder-me...queria colocar-me a par dessas desgraçadas que se revolvem na lama da vergonha, vencidas pela sedução(...).Estás enganado senhor!...Eu serei uma mulher inconstante, volúvel, caprichosa...mas nunca serei uma mulher infame!" (Pires, H. Nunes.1984:91).

Rosalina não se deixou "engabelar" pelas palavras sedutoras do seu galante. Poderia se tornar "caprichosa e volúvel mas nunca uma mulher "infame". Sua honra e reputação se encontrava acima das leviandades inerentes aos jogos da sedução. "Que anjo foi esse, que revelou por aquela honra, que, deslumbrada pela vertigem do descontentamento, resvalava a beira de um abismo sem fundo".

Segundo Nunes: "Que mulher, com o espírito acanhado, ignorante, não se teria deixado arrastar por aquelas palavras cintilantes como pérolas, suaves como um perfume e que suspiravam tão doces como as notas lânguidas e harmoniosas de uma canção de melancólicas saudades".

Horácio Nunes em "D. João de Jaqueta" não traça só um perfil dos usos e costumes da cidade e do campo (interior da Ilha). Traz até nós a delicada situação da mulher na sociedade patriarcal do II Império, vista e pensada a partir do olhar romântico que perpassava por toda a sociedade brasileira no século XIX.

Nunes constrói e apresenta a conduta afetiva de Rosalina a partir de um conjunto de contradições. O que vai desde educação e ignorância, passando pela ingenuidade rústica e modelação da conduta, e apresentando através dos costumes Ilhéus a diferenciação do mundo urbano-rural. E por fim, trazendo a superfície a condição da mulher inserida na família "patriarcal". Ora na condição de mulher sujeito, ora na de mulher objeto.

A jovem Rosalina escapa destas contradição pela educação que recebeu, e a partir da pluralidade pedagógica consegue locomover-se com desenvoltura no interior dessas contradições. Pluralidade esta, que lhe permitia atravessar o mundo amoroso sem se tornar leviana.

"Rosalina e o eterno feminino que não toma a iniciativa amorosa ostensivamente, deixa-se conquistar, dissimulando em objeto sua condição de sujeito da escolha amorosa. A contradição é visível. Horácio Nunes leva até o limite a situação de Rosalina. não fosse sua instrução (elogio à escola pública) e sua inteligência deixar-se-ia engabelar pelas palavras sedutoras de Juca. Não fosse sua educação, facilmente se tornaria prostituta. Sem tocar diretamente no assunto, a dicotomia romântica virgem/prostituta traz a tona os parâmetros da mulher na sociedade patriarcal" (Appel, 1984:14).

Personagem criada a partir do imaginário feminino de Horácio Nunes, portanto, construída através do olhar masculino, encontra na fala literária espaço para sua visibilidade. E é de dentro desta visibilidade feminina que podemos ouvir a voz de Rosalina. Mulher que se elabora e se revela no jogo amoroso, mas sem perder a noção de sua condição de mulher na sociedade patriarcal do II império, onde a honra e reputação pertencia ao domínio público.

Neste sentido, o romance "D. João de jaqueta é veículo de transmissão do cotidiano, das permanências culturais e das idéias e ideologias de um época".

Nesta perspectiva, a literatura, como fonte histórica, traz até a superfície pontos de tensões que pulverizam-se na teia e na trama do social. "Mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos".

Retrato de costumes, o romance D. João de Jaqueta, de Horácio Nunes, não deixa de espelhar a sociedade desterrense do século XIX. Sociedade

que passava por uma clivagem das condutas e remodelação do seu espaço urbano com a introdução de novos agentes sociais no cotidiano da população. Nunes, portanto, não se encontrava imune aos acontecimentos de transformações na Ilha de Santa Catarina. Pelo contrário, ocupando alguns cargos administrativo na Capital da Província, o autor era participante destas transformações.

Nesta perspectiva, Rosalina pertence ao imaginário feminino da Ilha de Santa Catarina e é apresentada ao público como conhecedora da arte do namoro. Rosalina, a namoradeira, a sedutora dos "lábios carnudos e vermelhos", de "cor morena", e "olhos rasgados e negros, esta inserida no cotidiano da visibilidade feminina.

Seria a arte do namoro por parte das mulheres na cidade de Nossa Senhora do Desterro um costume corriqueiro? O que se passava no imaginário de Horácio Nunes Pires para que estes constituísse uma prática afetiva feminina em Nossa Senhora do Desterro? Narrador e objeto narrado não estariam neste caso interligados por acontecimentos que naquele momento vivido pertenciam ao cotidiano da população ao qual estavam inseridos?

Neste emaranhado de falas e tentador falar na existência de uma mulher sedutora no decorrer do século XIX, na Ilha de Santa Catarina. Porém como identificar a mulher real da mulher imaginária? Principalmente quando o imaginário social "constrói a antimulher(ou se trata da verdadeira natureza feminina que se revela quando deixada sem a tutela do homem?) fonte do pecado, ardilosa, propiciadora da perdição, incapaz de guardar segredo, mentirosa, inspiradora de crimes.." (Pensavento, S. Jatahy, 1992:57).

Bibliografia

PIRES, Horácio Nunes.

1984. **D. João de Jaqueta cenas da roça**. Porto Alegre: Movimento/Brasília INL, Fundação Nacional Pró-Memória.

APPEL, Carlos Jorge

1984. "D. João de Jaqueta, um elogio a inteligência". In: Pires, Horácio Nunes. **D. João de Jaqueta**. Porto Alegre: Movimento.

PENSAVENTO, Sandra Jatáhy.

1992 "Mulheres e História: a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul). In: Zahide L. Muzart (org.). **Revista de Literatura**. Curso de Pós-Graduação em Letras. Florianópolis: UFSC. n° 23